



MEUS DESACONTECIMENTOS, DE ELIANE BRUM: A INFÂNCIA REVIVIDA EM PALAVRAS



Elielza Souza Abreu (UFMT/PIBIC/FAPEMAT/ elielza167@hotmail.com)

1. Sobre a obra

Desde o início o mundo doeu em mim. Dentro, mas também fora. Alguns creem que as memórias da primeira infância ou são boas ou não existem, temerosos de que até o mito da infância feliz lhes escape. São os que preferem não lembrar. Eu lembro muito, sempre lembrei. E ainda hoje há noites, muitas noites, em que acordo com o coração descompassado. Sempre vou temer o retorno da escuridão, que para mim é o mundo sem palavras.

Eliane Brum

Narrativa sobre a infância, *Meus desacontecimentos* (2014) não é um texto infantil ou escrito para crianças. Trata-se de uma obra de memórias em que uma narradora já adulta, que se apresenta com o mesmo nome da autora, retoma o passado, ou a infância, para compreender o presente e o seu processo de amadurecimento.

Com cento e quarenta e quatro páginas distribuídas em vinte e um capítulos, a obra, desde o início, apresenta uma escrita retrospectiva em que fica claro o retorno ao período da infância. Por outro lado, a marca da escrita destas memórias é seu caráter criativo, já que o texto acaba por se tornar algo muito maior que um depósito de fatos passados. A seleção

CITAÇÕES DE MOMENTOS DA INFÂNCIA

dos episódios apresentados contemplam a infância por meio de uma linguagem metafórica e plurissignificativa.

2. O gênero memórias

Nestas memórias, gênero que é visto por Olmi dentro de uma perspectiva criadora de linguagem criativa, a narradora, que se apresenta aos poucos ora como Eliane (ver capítulo “A novela de rádio”) ora como Brum (ver capítulo “A perna fantasma”), promove uma construção criativa do narrar-se que também pode ser lida pela perspectiva apresentada pelo historiador Le Goff, o qual acrescenta ao gênero o poder ser visto como ato de libertação. Em Brum, a narradora quer escrever para ser outra pessoa, quer se libertar do passado, esquecer todas as suas memórias, todavia, esse esquecimento é condição para a lembrança e quanto mais ela tenta esquecer, mais lembra.



3. As cenas da Infância

A autora (produtora do discurso), por meio das suas reminiscências de infância, exprime sua dor e afirma que as demais pessoas esquecem esse sofrimento, mas ela não. Vejamos, agora, alguns dos episódios ligados à infância que são relatados na obra:

[...]Eu era uma criança silenciosa, que quando abria a boca gritava sem parar. Silenciosa e gritadora, acho que sou assim até hoje. (BRUM, 2014, p. 21)
A cozinha, na minha memória, era o lugar mais iluminado da casa. Ali, ouvindo a novela de rádio, me sentia aquecida. Lembro que não entendia muito bem o enredo, mas a moça, para todo o resto impaciente, me explicava quantas vezes fossem necessárias. Mesmo quando eu perguntava pela enésima vez como pessoas moravam dentro do rádio. E, mais de uma vez, tentasse desmontá-lo para ver se descobria um jeito de entrar.(BRUM, 2014, p.27)
Eu pedia sempre e sempre que minha avó repetisse as histórias, só para vê-la gargalhar. Pedro Malasartes era um dos poucos, talvez o único homem do planeta, que conseguia fazer minha avó, esquecida pela felicidade, rir de perder o fôlego. Vó, conta de novo, fingia eu que esquecia, só para vê-la sacudir-se inteira e profanar a si mesma. (BRUM, 2014, p. 35)
A primavera da minha infância habitava, mais do que qualquer outra geografia, o jardim de uma tia chamada Ivone. (BRUM, 2014, p. 48)
DIZEM QUE APANHEI APENAS uma vez do meu pai. Tinha três ou quatro anos. Ele atravessara a noite escrevendo um discurso. Na manhã seguinte, eu peguei uma tesoura e esquartejei o papel, as palavras, as letras, em pedaços tão pequenos que não puderam ser colados. Nem lidos. Dizem que meus gritos foram ouvidos longe. (BRUM, 2014, p. 61)
Sabia o suficiente para, em março de 1974, dois meses antes de completar oito anos, permanecer sentada enquanto meus colegas cantavam em pé o hino nacional em homenagem à posse do general Ernesto Geisel. (BRUM, 2014,p. 63)
[...]Eu era a única a ter decorado o poema (uma coisa horrorosa, vale lembrar), mas a professora garantiu que era inadequada: não tinha o cabelo suficientemente comprido e não convenceria como uma índia. Escolheu uma colega mais branca do que eu, com longos cabelos cor de mel. Eu desconfiava que era uma represália pelo meu ato subversivo, mas preferi não mencionar o fato. Subversivo era uma palavra que eu ouvia muito naquele tempo e que me dava de imediato um coração de beija-flor. (BRUM, 2014, p. 63)
Meu apoteótico ato de guerrilha acontecera antes, quando eu andava por volta dos cinco ou

seis anos. E tinha mais a ver com Édipo do que com a ditadura. (BRUM, 2014, p. 63-64)
Eu sempre fui uma criança que olhava e olhava e olhava. A melhor forma de me descrever nessa primeira infância era como dois olhos castanhos observando o mundo de um canto. Não espiando, mas olhando como se pudesse abarcá-lo inteiro. (BRUM, 2014, p. 65)
Eu tinha idade suficiente para saber que faria algo bem errado, mas também sentia em meus ossos de passarinho que era a coisa certa a fazer. (BRUM, 2014, p. 66)
Eu costumava ir à praça para brincar. Mas, para alcançar a prefeitura, eu precisaria atravessá-la no sentido longitudinal, distância para a qual não tinha licença. O desafio incluía passar pela toca do bicho-papão, escondida embaixo do anfiteatro. Tive muito medo do bicho-papão até o dia em que vi se esgueirar daquele buraco um homem desencaxado, meio corcunda, cujos olhos de desamparo se cravaram em mim com um mudo pedido de desculpas por existir. Desde que me lembro de mim, sempre foi essa textura de olhar a que me assombrou mais. (BRUM, 2014, p. 67)
Quase paralisada de terror, encostei o fósforo aceso na parede. Nada. Gastei a caixa inteira sem sequer provocar uma mancha na pedra. Derrotada em meu primeiro ato revolucionário, atravessei a praça de volta quase correndo, dividida entre o fracasso e o alívio. A bem da verdade, o alívio era muito maior do que o fracasso. Voltei para casa e para a cama sem que ninguém soubesse que Ijuí quase tinha perdido a prefeitura num incêndio provocado por uma guerrilheira com dentes de leite. (BRUM, 2014, p. 68-69)
ESSA FOI A PRIMEIRA FRASE que li. Estava na tradicional missa do sábado com a família. De repente, juntei uma letra com a outra no folheto da igreja. Gritei, interrompendo o padre: “Glória glória aleluia mãe eu li!. Minha estreia foi assim, sem vírgulas. (BRUM, 2014, p. 87)
Aos dez anos, eu já tinha lido a coleção de José de Alencar inteira, mesmo tendo achado a maioria dos livros um tanto monótona. Mas a atmosfera de erotismo velado, pela marca de um minúsculo pé na lama, por exemplo, já fazia com que valesse a pena. Ou a trágica personagem de <i>Lucíola</i> , agonizando entre a carne e o céu. (BRUM, 2014, p. 93)
Lia a obra de Monteiro Lobato e novelas da Biblioteca das Moças tão açucaradas que uma

<p> pessoa poderia se tornar diabética antes do ponto-final. Erico Verissimo, Jorge Amado... e os mais belos contos de fadas noruegueses. Zola, Poe, Dostoiévski... e <i>pulp fiction</i>. (BRUM, 2014, p. 94)</p>
<p> Na minha infância eram muito populares os “cadernos de recordação, com capas duras e enfeitadas. Em suas páginas, amigos, professores e familiares escreviam para o dono do caderno, em letra caprichada e com canetinhas coloridas. (BRUM, 2014, p. 98)</p>
<p> Naquele momento, aos nove anos, os meninos de rua me enfiaram, à força, na pele deles. Ao me ameaçarem de morte com seringas e agulhas, eu vivi o desamparo não de um, mas de todos os seus dias. Na rua, diante de uma casa onde eu não podia entrar, sem uma família que me protegesse. Para mim, era apenas um instante. Para eles, era a vida inteira. (BRUM, 2014, p. 118)</p>
<p> Pela primeira vez, eu, a menina esquisita dos cantos escuros, estava iluminada. Era a autora de <i>Gotas da infância</i>. O título era do meu pai, o desenho pretensioso da capa era meu. (BRUM, 2014, p. 130)</p>

3. Reflexões finais

Dentre os episódios selecionados sobre a infância, temos questões relacionadas à escola e ao início da aprendizagem de leitura e da escrita, ao ouvir histórias da avó, aos relacionamentos familiares, sua relação com jardins e praças, insubordinações, traquinagens... todo um universo reconhecidamente infantil aparece na obra. Ainda que o conceito de infância seja uma construção histórica e não meramente natural (cf. ARIÈS, 1981), estes episódios, neste momento no qual estamos inseridos, podem ser validados como infantis.

Inúmeros escritores retomaram, em obras específicas, apenas o período da infância ao escrever suas memórias: Jorge Amado; José Lins do Rego, José Saramago etc. Também Brum optou por esta forma de memórias. Dentro de sua escolha, a marca da singularidade de sua escrita neste universo de memórias da infância parece estar vinculada ao caráter criativo escrito em busca de sua libertação, privilegiando não a vida escolar, nem os episódios apenas familiares, mas aqueles que, aparentemente desconexos, foram unidos

como sequência de um amadurecimento sofrido, ligado às palavras, improvável, brutal e que vai construindo o eu que intenta se libertar: “Esta é minha memória. Dela sou aquela que nasce, mas também sou a parteira” (BRUM, 2014, p.9).

Ao final, em *Meus desacontecimentos* amplia-se o conceito de memórias e de retorno à infância ao sacralizar-se o literário como rito de passagem: “Libertei as letras, e elas emergiram dos meus abismos como voragem. Voltei a escrever. Dessa vez, uma vida para mim.” (BRUM, 2014, p.143).

Referências

ARIÈS, Philippe. *A História Social da Infância e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

BRUM, Eliane. *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. São Paulo: Leya, 2014.

OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialística*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.